

“Ciao Women”: Contributos para o estudo das necessidades de aprendizagem ao longo da vida específicas de mulheres adultas em relação às tecnologias de informação e comunicação.

RITA BENCIVENGA

Província de Génova, Itália
info@studiotaf.it

JOSÉ LUÍS RAMOS, VICÊNCIA MAIO, MARINELA FESTAS

Universidade de Évora
jlramos@uevora.pt, vmgm@uevora.pt, marinela@uevora.pt

Resumo: Este texto tem como objectivo apresentar e discutir resultados de uma investigação conduzida em cinco países europeus sobre as necessidades de aprendizagem ao longo da vida de mulheres adultas no uso de tecnologias. A metodologia adoptada baseou-se em entrevistas autobiográficas a cerca de 250 mulheres nos diferentes países e que puderem assim expressar as suas ideias, expectativas, necessidades, interesses, sentimentos e emoções relativamente às tecnologias de informação e comunicação (computador e Internet) e ao seu uso em diferentes contextos.

Foram igualmente seleccionadas cinco revistas destinadas a este grupo-alvo, por país, e realizada a análise de conteúdo apropriada. O estudo incluiu ainda entrevistas a “experts” (três por país) no domínio da educação, género e tecnologias.

O estudo apresenta os resultados da investigação e questiona alguns dos estereótipos mais comuns relativos à relação entre a mulher e as tecnologias bem como as práticas formativas convencionais que não atendem, regra geral, aos aspectos associados à natureza do género.

O estudo enuncia algumas recomendações a levar em consideração na concepção e planeamento de acções de formação destinadas a mulheres adultas no quadro da aprendizagem ao longo da vida.

Palavras-Chave: género, tecnologia, educação, aprendizagem ao longo da vida, entrevistas narrativas.

1. INTRODUÇÃO

O projecto *Ciao Woman*¹ refere-se às necessidades de aprendizagem ao longo da vida de mulheres adultas em relação às tecnologias de informação e comunicação (TIC).

As tecnologias são inovações científicas e técnicas que têm como objectivo melhorar as condições de vida e de trabalho das pessoas. As tecnologias estão hoje imersas no nosso quotidiano: dos elevadores à Internet, da energia nuclear ao código de barras, da televisão aos sistemas de alarme, das assinaturas digitais ao cartão crédito, das casas aos telefones e carros inteligentes, etc.

Neste trabalho, no entanto, referimo-nos apenas às TIC que é um conceito que procura descrever um largo espectro de tecnologias usadas para recolha, armazenamento, organização, recuperação, processamento, análise e transmissão de informação em formato digital.

¹ Este texto corresponde a parte do relatório final do projecto GRUNDTVIG “CIAO WOMEN”. Este projecto, liderado pelo Servizio Politiche del Lavoro da Província de Génova (Itália) teve como participantes: Studio Guglielma - Research and social activation (Verona), Universidade de Évora (Portugal), Amtscenret for Undervisning - Teachers Centre (Dinamarca), ZNANIE Association – Sofia (Bulgária), Future Capital Foundation - Riga – (Letónia)

As TIC estão igualmente embebidas no nosso quotidiano: computadores, software, Internet, telefones móveis, iPods, cartões inteligentes, mp3, televisão digital, etc.

A definição de tecnologia é em boa parte um reflexo de actividades “masculinas”. A tecnologia tende frequentemente a ser pensada enquanto maquinaria industrial e carros, por exemplo, ignorando outras tecnologias que afectam muitos aspectos da vida quotidiana. Em certo sentido, a história da tecnologia ainda representa o estereótipo do inventor masculino (Stanley, 1995).

As actuais investigações e teorias nas questões de género e tecnologia enfatizam as características específicas de cada tecnologia e as posições diferenciadas das mulheres em relação a elas.

Mantendo ao mesmo tempo a ideia de que os interesses do homem têm estruturado profundamente a forma como as tecnologias se tornaram disponíveis, nem o homem nem as tecnologias são abordadas como um “grupo homogéneo”.

Esta perspectiva explora os efeitos das relações de género na invenção, inovação, desenho e desenvolvimento, em oposição à ênfase colocado no impacto das tecnologias sobre as mulheres. Esta perspectiva é desenvolvida como uma resposta aos estudos sociais da tecnologia. As correntes feministas têm demonstrado que a quase completa exclusão das mulheres da comunidade tecnológica tem tido uma profunda influência no desenho e no conteúdo dos artefactos.

Os sistemas tecnológicos implicitamente colocam as experiências e investimentos do homem no centro da sua atenção sem reconhecer a sua especificidade. O corolário dessas formas de pensar e de agir é, simultaneamente, a negação de outras realidades, como é o caso da mulher.

Isto não é dizer que a tecnologia seja vista como uma conspiração patriarcal. Em vez disso, mostra como as preferências por diferentes tecnologias são reflectidas por um conjunto de perspectivas sociais que reflectem o poder e os recursos dos homens na sociedade em geral.

Ainda poucas mulheres participam nos processos de concepção da tecnologia e neste sentido devemos procurar um maior envolvimento da mulher.

Para os estudos feministas de tecnologia tem sido importante o aumento do reconhecimento do papel central dos utilizadores no desenvolvimento tecnológico. É certo que as tecnologias são concebidas com finalidades específicas em mente, mas o seu uso final não pode ser previsto ou controlado completamente: o utilizador ou consumidor de um artefacto interage com ele e pode renegociar os seus significados e usos.

Ocorrem-nos, imediatamente, as mulheres como participantes activos nos processos de produção da tecnologia quando incluímos nas nossas observações não apenas os aspectos de inovação mas também nos processos de fabricação, comércio e consumo. A tecnologia é hoje em dia conceptualmente entendida como um processo fluido e relacional e os significados simbólicos que lhes são associados têm sido negociados e (re) inventados continuamente.

Enquanto os estudos pioneiros sobre género e tecnologia tendiam a teorizar o género como uma unidade fixa e unitária, existente antes e independente da tecnologia, e então embebido nela, hoje em dia o género é considerado como construído em interacção social.

Tecnologia e relações de género são mutuamente constitutivas e para compreender a tecnologia e as relações de género não podemos considerá-las mais como esferas separadas influenciando-se uma à outra.

Durante os anos 90 houve uma explosão de escritos feministas acerca de tecnologia, muitos dos quais conduzidos conceptualmente longe da sociologia da ciência que se desenvolveu no mesmo período. Estes escritos foram inspirados explicitamente por uma combinação de estudos culturais, antropologia e filosofia pós-moderna.

Reflectindo a ênfase pós-moderna no discurso, a tecnologia é entendida conceptualmente como objecto de consumo, como um texto, e como um meio de comunicação.

A preocupação central é como é que a tecnologia como cultura está implicada na construção das identidades subjectivas do género.

No início do projecto “Ciao Women” sentimos uma diferença entre o que acima referimos e a realidade que nos rodeava nos cursos destinados à literacia informática para mulheres adultas.

Daqui resultou a percepção de serem necessárias abordagens inovadoras para facilitar o acesso das mulheres a percursos educativos que fossem ajustados às suas especificidades e responder às suas necessidades.

Estávamos conscientes do risco da revolução da informação poder continuar ou piorar as desigualdades de género e, como veremos, em alguns casos, as desigualdades de género pré-existentes são reflectidas nas diferenças de habilidades do homem da mulher para dominar as tecnologias.

Na verdade, os muitos inquéritos nas relações entre as mulheres e a tecnologia conduzidos em países ocidentais e não ocidentais durante a última década mostraram a necessidade de quebrar o estereótipo infundado de uma distância entre a mulher e a tecnologia.

O que nós descobrimos, lendo muitos dos relatórios de projectos anteriores, é que alguns casos de estereótipos estão embebidos na visão do investigador e por isso influenciam de forma bastante forte os resultados de investigação.

E mais, quando olhamos para os cursos oferecidos a mulheres adultas vemos que nunca são abordados assuntos como “wearable computing”, ligações entre pessoas e artefactos na co-construção de identidades, múltiplas e diferenciadas identidades, penetração das tecnologias de informação nos objectos e contextos do dia a dia, etc.

Estes são alguns dos temas “reservados” aos designados “experts”, mas que estão longe do esquema clássico educativo previsto para as mulheres. Os cursos de literacia em 2007 são na sua grande maioria e frequentemente baseados nos mesmos princípios de há dez anos atrás.

As TIC podem indirectamente ter profundos efeitos nos papéis de género, género e equidade e no “empowerment” das mulheres; como Sandra Harding acentuou, “a ciência gera informação que é usada para produzir tecnologias e aplicações que não são moral e politicamente neutras.” (1991).

Por isso, no início do projecto Ciao Women colocámos as seguintes questões: na preparação de planos e programas de formação para as mulheres, nós realmente compreendíamos as necessidades e interesses daqueles que estão ainda distantes do mundo da Internet e dos computadores em particular? Usamos uma terminologia apropriada e que é compreendida

pelos destinatários? Existe o risco de desenvolver os cursos e as actividades formativas numa forma que pode ser apropriada para aqueles que são competentes em certas tecnologias mas excluem aqueles que não sendo familiares com elas não tiveram sequer essa familiaridade básica adquirida por outras pessoas que cresceram num tempo quando falar de computadores faz parte da vida do dia a dia? Mas acima de tudo, existe o risco dos estereótipos acerca da relação entre a mulher e o uso da tecnologia poderem enviesar a perspectiva daqueles que elaboram esses planos e programas?

Com base nestas reflexões, definimos três objectivos para o projecto:

- a) Abrir caminhos facilitadores da criação de cursos que levem em consideração os aspectos específicos da relação género e tecnologia;
- b) Promover a mudança da imagem da mulher e da sua relação com a tecnologia aos olhos dos média e dos comunicadores em geral, ajudando-os a ultrapassar uma visão que está obsoleta e não corresponde à realidade;
- c) Introduzir uma abordagem à aprendizagem ao longo da vida que a façam dar um salto qualitativo.

A introdução dos computadores na educação tem sido demasiadas vezes realizada de forma tradicional e nesta altura algo obsoleta; nós gostaríamos de projectar directamente a mulher em cenários avançados que tiram vantagem das oportunidades oferecidas pelos computadores hoje em dia e no futuro, evitando métodos de aprendizagem que estão agora ultrapassados, quebrando as barreiras culturais às mulheres que pretendem aceder a fazer carreiras na área das tecnologias.

Nos últimos três anos e meio, através do nosso trabalho, 250 entrevistas em 5 países, análise de revistas destinadas a mulheres adultas e entrevistas com “experts”, obtivemos um melhor conhecimento dos interesses e expectativas das mulheres em relação ao uso de TIC e reflectimos em conjunto em ordem a promover atitudes positivas e de maior potencial.

2. AS ENTREVISTAS: UMA NOTA METODOLÓGICA

A escolha de entrevistas narrativas foi intencional e com um significado preciso (Atkinson, 1998). Não nos deteremos muito neste ponto mas é

preciso sublinhar alguns aspectos significativos e a sua relação com a nossa investigação.

É importante especificar qual o papel do investigador e quando chegarmos às entrevistas biográficas faremos referências a investigações que têm como objecto as questões das mulheres.

Na verdade durante os anos 70 e 80, muitos feministas estudiosos da mulher invocaram a sua experiência individual ou a de outros grupos como forma de dar voz às mulheres e desafiar uma ciência social impregnada pelo “masculino” e que insistia em considerar-se a si própria como “neutral”, objectiva e teorizada de forma científica no geral.

Reclamava-se de que não havia realidade sem representações. Mais ou menos alguns anos depois, as mulheres começaram um percurso que as conduziu à emancipação, ao alcance de uma forte e bem marcada identidade feminina, à descoberta de múltiplas e fragmentadas identidades.

Durante os anos 70, o movimento crítico do pós-estruturalismo francês e as teorias analíticas anglo-saxónicas que estudavam a linguagem a partir de diferentes abordagens, denunciaram a estrutura de pensamento baseada em categorias de essência e a subjectividade, a objectividade das coisas (...) e a definição prescritiva da verdade. Também a filosofia feminina mostrou o poder dos homens visivelmente impressa nas formas da definição como monismo e lógica identitária.

Também em Itália foi necessário dar visibilidade e autonomia ao ser feminino, muitas vezes representado em termos de extremo separatismo, pela filosofia da diferença e a sua rejeição de todas as ideologias porque todas elas baseadas na subordinação da mulher. A filosofia da diferença subverte visões e princípios frequentemente dados como adquiridos: a visão de uma sociedade como neutral e contudo disponível para integrar a mulher em todos os seus aspectos, simplesmente conseguindo um espaço para elas sem necessidade de modificação.

Na primeira fase dos trabalhos que deram voz às mulheres e a grupos específicos de mulheres, há algumas décadas atrás, a representação da experiência das mulheres não eram uma questão que se colocasse. Os investigadores faziam perguntas aos vários aspectos da vida das mulheres e escreviam as suas respostas. Cedo se percebeu que essa experiência era

mediada porque quando uma pessoa responde a uma questão, a resposta é escolhida para dar uma certa representação, uma interpretação da sua própria experiência.

Para além disso o que o investigador escreve consequentemente é o resultado da sua própria experiência e da sua visão particular e muitas vezes privilegiada do mundo. Estas representações ou interpretações são o resultado de processos sociais que deveriam ser analisados (Bencivenga, 2007). Não existe uma relação directa entre experiência, verdade e conhecimento e ter acesso à experiência não significa que nós temos acesso (e nós reproduzimos) qualquer coisa que não é mediada. O ponto é tentar compreender as interpretações (quer as do investigador quer as do sujeito da investigação).

Por isso nós temos que reflectir acerca da forma como as nossas subjectividades são construídas através das experiências de vida e da “prática discursiva”.²

É uma abordagem que rejeita a identificação entre experiência e verdade e sublinha o enorme poder do investigador na investigação convencional uma vez que ele/ela pode impor a sua própria interpretação, alegando ao mesmo tempo ser um simples meio de expressão da experiência de outra mulher.

O risco de um investigador poder manipular o sujeito da investigação trouxe a necessidade de tornar clara a posição do investigador, incluindo a sua biografia intelectual e paradigmas interpretativos que usa no seu trabalho, para que os leitores possam contextualizar a análise. Esta metodologia está agora disseminada por toda a comunidade científica internacional quando a investigação é conduzida de acordo com estes paradigmas.

Como investigadores temos que assumir as nossas responsabilidades sobre os nossos juízos, sobre aquilo que alegamos, mas para o fazer temos que estar conscientes que o nosso conhecimento é influenciado por muitos factores que desenham uma história pessoal e um conhecimento pessoal. Esta história que é diferente para cada um de nós, é feita de “raça”³,

² Significando os processos pelos quais os significados culturais são produzidos.

³ Seguindo as convenções sociológicas, a palavra “raça” é colocada entre aspas para indicar que mesmo que continue uma palavra usada para distinguir entre grupos com culturas

nacionalidade, idade, classe social, identidade sexual, experiência de vida, cultura e do período histórico em que vivemos. Tudo isto nos permite pensar umas coisas e não outras, estar consciente de certos fenómenos e ignorar outros.

É este conhecimento e consciência que tornou o *Ciao Women* tão interessante. Analisámos diversas investigações, antes do projecto, e usámos diferentes abordagens que não incluíam este conhecimento e tendiam a universalizar os resultados e a dar-lhes significados específicos que foram contudo considerados neutrais e objectivos. Nós observámos fenómenos que se mantiveram escondidos em outras investigações mas também estamos conscientes da nossa parte que negligenciamos outros.

3. ABORDAGEM NARRATIVA

O facto que a revolução das mulheres é muito mais simbólica do que factual, tal não é menos considerável. Dotar os indivíduos com instrumentos para reflectir sobre a sua própria identidade, história e experiência de vida e estar suficientemente consciente para escolher os caminhos a seguir e ser capaz de ler as relações entre o sujeito e o seu contexto é uma acção que visa promover a liberdade individual dos recursos individuais e a capacidade de os gerir (Marone, 2003).

A auto-narrativa significa ao mesmo tempo dar voz às mulheres e criar novas formas de compreender que conhecimento temos e como o reproduzir. Este processo afecta o desenvolvimento de percursos educativos porque nos lembra que cada conhecimento é contextualizado e é um produto social dependente do tempo, num lugar e numa posição social. As histórias das mulheres entrevistadas tal como as histórias pessoais dão-nos acesso mediado e experiência indirecta.

A narração é uma representação e inclui interpretação e selecção enquanto se narra, através do input dado pelo entrevistador, a interpretação do investigador e a futura interpretação dos leitores de um relatório de investigação.

diferentes que diferentes culturas, diferentes características físicas, poder e sistema de privilégios, não existem raças separadas entre humanos do ponto de vista biológico. Como é bem sabido estudos paleo-antropológico combinados com a genética demonstraram que todos derivamos de uma população de *homo sapiens sapiens*.

Enquanto analisamos as entrevistas, temos de considerar que quando narramos a nossa própria história, podemos encontrarmo-nos a nós próprios (e frequentemente o fazemos) numa condição de auto-abstracção, de maneira que podemos identificarmo-nos e narrarmo-nos apenas através de identidades ou símbolos que frequentemente não nos pertencem.

Para encontrar novas identidades e novos símbolos temos de pesquisar para lá das palavras, comportamentos, lugares comuns, ideologias, conceitos, conhecimentos, um longo e difícil processo. Podemos levantar a hipótese de recorrer a “processos de renegociação de identidade” (Tinti, 2007).

As “imagens” (linguísticas, figurativas, estéticas, conceptuais, comportamentais, etc.) ligadas às relações entre as mulheres e a tecnologia que cresceram durante um período histórico-cultural cobrindo os últimos séculos são percebidas como “naturais” e objectivas mas são na verdade produtos históricos e são apenas algumas das muitas maneiras diferentes de organizar e classificar o mundo exterior.

O pós-modernismo feminista e a cultura da diferença, sem rejeitar a importância da luta para a igualdade e emancipação, mostraram os limites da abordagem igualitária e tiveram primeiro que tudo trabalhar para transformar a normalidade, racionalidade e heterossexualidade dos sujeitos universais do discurso em objectos de interrogação e criticismo.

A análise das entrevistas ajuda-nos a compreender e a reflectir sobre como as mulheres “pensam elas próprias” e “se narram a si próprias” em relação à tecnologia e que tipo de representação gostariam de ter no futuro.

As mulheres entrevistadas desenvolveram e adquiriram a sua identidade numa experiência histórica específica que tem as suas raízes na visão de tecnologia, na visão das mulheres da sociedade de hoje, e ainda dominada por uma cultura que tem também a sua própria visão.

Podemos nós aceder aos processos através dos quais atribuímos e criamos significados e valores e às modalidades de valor através das quais nós percebemos o mundo e os outros? Por outras palavras, deveremos tentar conhecer o nosso espectro de os símbolos e significados em ordem a observar a sua estrutura a partir do exterior?

Nas entrevistas exploramos imagens, ideias, emoções que as mulheres têm em relação às tecnologias.

Partimos do conceito que muito frequentemente a imagem que um investigador dá quando se pronuncia acerca das mulheres e tecnologia é contaminada por uma preconceção ligado a estereótipos, o que transmite algumas características negativas da abordagem feminina num significado preconcebido.

Na análise aos projectos que lidam com mulheres e tecnologia detectámos muitas afirmações ligadas a este estereótipo. Daremos um exemplo para clarificar este aspecto.

Em muitos projectos que lidam com temas e assuntos similares, analisados sob pontos de vista diferentes, as mulheres que fazem parte de cursos de literacia computacional são descritas como “medrosas, hesitantes, com necessidade de seguir o manual ponto por ponto” enquanto os homens são descritos como “corajosos, sem medo de danificar o computador”.

Pensamos que as mesmas características podem ser descritas como “as mulheres são cautelosas ao lidar com máquinas muito caras e que podem ser danificadas por utilizadores não experientes, também percebem que a aprendizagem através de tentativa e erro pode levar bastante tempo enquanto uma abordagem sistemática, pelo menos no início, assegura a optimização do tempo e uma melhor aprendizagem a médio prazo”.

Ao deixarmos as mulheres falarem por elas próprias e das suas experiências, sentimentos e emoções relacionadas com elas:

- a) Falaram-nos sobre aspectos positivos e negativos das suas memórias de infância associadas à tecnologia;
- b) Falaram-nos acerca de como a sua ideia de tecnologia, computador em particular, mudou ao longo do tempo;
- c) Falaram-nos sobre se a sua maneira de viver mudou graças à tecnologia; se os seus ritmos, espaços e relações sociais mudaram (ou acreditam que possa ter mudado);
- d) Falaram-nos da forma como percebiam o seu próprio corpo e relação com a tecnologia;

- e) Falaram-nos acerca do aspecto da tecnologia sentiam mais perto delas e que aspectos elas sentiam que estavam distantes;

O que emerge da investigação é que muitas mulheres continuam dar de si próprias uma imagem que reflecte o estereótipo que consistia em ver a mulher longe da tecnologia quando elas na verdade usam as tecnologias na sua vida do dia a dia.

Não existe o gosto propriamente dito pela tecnologia em si mas apenas quando é útil para alguma coisa. Acreditamos que esta é uma atitude “saúdável” e positiva. Adquirir a consciência desta diferença (entre a visão de si próprias e como se comportam nos factos) o papel da narração é importante a este respeito porque permite contarem-se a si próprias, o seu passado de uma forma diferente, conferindo-lhe um significado e lançando as bases para um futuro diferente.

4. REVISTAS

Também analisámos algumas revistas, cinco em cada país. Enquanto a nossa investigação permitiu confirmar que as mulheres adultas têm frequentemente uma atitude positiva, grande interesse e abertura face às TIC, em particular a Internet, não confirmámos a hipótese que aquilo que as mulheres dizem duplica a informação que circula na Internet pelos media, independentemente de se a imagem transmitida é positiva ou negativa. Para sermos mais precisos, não podemos confirmar que esta imagem é proveniente das revistas (dirigidas ou não a audiências femininas) tendo sido este o meio analisado.

Na verdade descobrimos que estas revistas não transmitem uma imagem estereotipada simplesmente porque não tratam o tema da relação entre as mulheres e as tecnologias, pelos menos tanto quanto esperávamos (aparte a Dinamarca, onde a situação é em muitos aspectos diferente de outros países envolvidos no projecto de investigação).

Pensamos que seria útil analisar jornais e televisão uma vez que são media que podem afectar muito mais a audiência devido ao seu uso mais frequente comparado com as revistas.

Mas ainda acreditamos que o impacto nos meios de comunicação de massa que podem ter promovido um uso realista e consciente da Internet, é considerável. Acreditamos que é possível definir boas práticas “sensíveis ao género”.

Acreditamos que é possível promover a transição de uma iliteracia informática para uma abordagem directamente baseada naquilo que o computador e o seu uso representam num futuro próximo. Ficou demonstrado que a “tecnofobia” esteve inicialmente ligada à falta de produtos que fossem do interesse das mulheres. Sherry Turkle (1995) foi muito clara quando descreveu como as mulheres se tornam utilizadoras de tecnologias porque deixaram de ver os computadores como ferramentas de programação e começaram a ver as tecnologias como um sistema de comunicação e de ligações.

No início do projecto tínhamos três objectivos, já antes referidos. Ao longo do projecto pudemos apenas confirmar algumas das hipóteses iniciais fazendo descobertas que nos surpreenderam pela positiva.

Todos temos consciência que existem vários níveis operatórios, alguns fora do nosso alcance.

O facto de que “o sector de investigação e desenvolvimento” ou mesmo “o sector de processamento” serem predominantemente masculinos, é algo que devemos levar em linha de conta na nossa análise, mas que não podemos influenciar.

Nestas profissões, os modelos, a visão da tecnologia são marcados de uma maneira que está de tal forma disseminada, que é assumida como “natural”, mesmo pelas poucas mulheres que desempenham papéis de tomada de decisão no sector. Nós, no nosso “nível de utilizadores” podemos apenas estar conscientes disso.

Por outro lado, ao nível da organização dos cursos, podemos definir um conjunto de objectivos gerais:

- a) Apoiar nos processos de aprendizagem um aumento do número de pessoas, homens e mulheres, que vejam na tecnologia um meio e não um fim em si mesmo;

- b) Apoiar o crescimento e o conhecimento das mulheres para reforçar o poder pessoal e a possibilidade de reivindicar o valor das suas experiências pessoais e de as analisar para si e para os outros de uma forma positiva;
- c) Apoiar posições que considerem a tecnologia como um instrumento crítico e uma fonte de melhoria em vez da negatividade do facto de não pertencer ao modelo cultural prevalecente e à sua visão de mulher;
- d) Difundir teorias e modelos capazes de ajudar as pessoas a descobrir os significados das suas experiências e a generalizá-los para além da situação individual, em ordem a alcançar uma visão crítica dos estereótipos nas mulheres e na sua relação com a tecnologia;
- e) Reflectir sobre a relação entre pensamento e linguagem. A linguagem é de facto um instrumento de pensamento mas também é verdade que o pensamento humano está subjugado à linguagem. Não podemos pensar em alguma coisa se não a podemos expressar na nossa própria língua: limites e possibilidades de cada um depende do outro;
- f) Ajudar as mulheres a reflectir acerca da sua própria experiência de vida e da maneira como está relacionada com outras mulheres da mesma geração;
- g) Estimular a troca de experiências e de conhecimentos entre mulheres;
- h) Ajudar a aprender como reconhecer diferentes estilos de comunicação; as mulheres tendem a subestimar as suas capacidades. Quando avaliadas frequentemente mostram mais capacidades do que aquelas que pensavam possuir. Adquirir consciência desta atitude é importante. Não têm de mudar o seu estilo de comunicação mas têm de compreender a unidade de medida que devem usar quando comparam as suas capacidades com as do género oposto (na verdade os homens tendem a enfatizar o que conseguem fazer) ou com as capacidades de gente mais nova (que enfatizam outros diferentes aspectos do seu conhecimento).
- i) Como enfrentar tudo isto num simples curso está para além dos objectivos do projecto mas adquirimos conhecimento também neste aspecto;

- j) A geração é muito importante. É certamente possível ter pessoas com diferentes idades no mesmo curso mas não podemos ignorar este factor. As pessoas jovens têm uma visão das mulheres de outras gerações que é diferente das visões que estas têm delas e do mundo. Também as mulheres adultas têm uma visão genérica das pessoas mais jovens. Um trabalho preliminar que permita a expressão de posições recíprocas será certamente útil;
- k) Não deve ser dado como adquirido que todos os jovens têm conhecimento de TIC para transmitir às mulheres mais velhas. Nem sempre é verdade e, para além disso, as mulheres da idade das que temos analisado (35 aos 55 anos), não são propriamente contentores vazios de conhecimento e que estão prestes a serem “preenchidos” com conhecimentos e capacidades;
- l) Podemos certamente organizar grupos mistos de homens e mulheres mas temos de evitar a armadilha de considerar a tecnologia como um assunto ou tema neutro. Não podemos organizar o mesmo curso para homens e mulheres, senão estaremos a criar dinâmicas nas quais as mulheres dão por adquirido que os homens serão melhores pela sua “natural” vocação para a tecnologia. Nós sabemos que de facto o desenvolvimento das capacidades não confirma este estereótipo. Mais uma vez, adquirir consciência destes aspectos no início do curso é importante bem como o reforço continuado destes conceitos ao longo do curso.
- m) É diferente se o professor é mulher ou homem. Mais uma vez, temos de acompanhar e examinar este aspecto.

No caso das revistas, como é que esta falta de interesse sobre o tema das mulheres e da sua relação com as tecnologias pode acontecer? Pode ser accidental uma vez que a nossa escolha de analisar apenas um número por semana cada mês pode ter criado uma selecção que exclui os artigos nos temas. Por isso, análise futura é necessária antes de afirmações incondicionais.

No entanto, reflectimos acerca das razões dessa escassez, se não mesmo desinteresse, sobre o assunto nas revistas.

Se as mulheres adultas não consideram as discussões acerca da tecnologia muito interessantes, é compreensível que as não queiram encontrar nas revistas que lêem no seu tempo livre.

Na verdade as poucas excepções que encontrámos são revistas (como a revista italiana Donna Moderna) que falam acerca de aspectos práticos da tecnologia com conselhos e informação útil para uso no dia a dia.

Podemos por isso destacar algumas indicações úteis:

- a) É possível e desejável falar acerca das mulheres e das tecnologias mas os artigos seriam muito mais interessantes se focassem o uso concreto e real da tecnologia. Que actividades podem ser realizadas para poupar tempo? Podemos usar a tecnologia para não ter que ir a certas repartições e gabinetes? Podemos usar serviços a partir de casa? Estes são assuntos muito apelativos para as mulheres adultas.
- b) Os papéis de “modelo” são bastante úteis. Ao ouvir falar de outras mulheres acerca dos seus resultados, das suas experiências, das dificuldades encontradas usando a tecnologia tem um forte impacto, comparado com leituras ou relatos impessoais.
- c) Uma estratégia importante é sublinhar que não é necessário ser “louco por computadores” ou sequer muito devotado aos computadores para os usar de forma apropriada e útil.
- d) Não generalizar quando falamos de pessoas que usam o computador, mas especificar se é homem ou mulher.
- e) Recordar que a investigação quantitativa deve ser baseada em amostras estatisticamente significativas ou têm um valor simplesmente relativo. Podemos sempre referir que essas respostas ou resultados estão relacionados aquelas pessoas naquele contexto, naquele país e que existe um factor variável dependente no investigador e a forma como ele/a organizou a sua investigação, analisou as respostas de acordo com o seu paradigma de referência.
- f) Finalmente, diferentes respostas a uma diferente abordagem.

As questões levantadas pelo projecto *Ciao Women* são o resultado do nosso interesse em pôr a descoberto os estereótipos das mulheres e da

sua relação com a tecnologia e reflectir acerca de como as pessoas os reproduzem.

Pelo menos em Itália, as mulheres entre os 35 e os 55 e em particular as de idade superior a 45, frequentemente aprenderam (através dos estereótipos que as envolvia na escola, nas famílias e nos media) que não gostavam de tecnologia, que não se interessavam simplesmente por tecnologia e preferiam que outros, em particular os seus parceiros e amigos masculinos, lidassem por elas com o assunto. Elas são, por outro lado, a geração que aprendeu a escrever usando tinta e canetas de aparo e agora usa o computador no trabalho e em casa.

Estas mulheres viram as primeiras máquinas de fax, usaram o seu PC quando o rato ainda não existia, como qualquer outra criança elas habituaram-se a associar tecnologia com aviões, mísseis, ao primeiro homem que caminhou na Lua, computadores do tamanho de armários, ao Spencer Tracy e à Catarina Hepburn a discutir acerca de quem era mais rápido entre o computador e o operador do centro de informação, na listagem dos nomes das renas do Pai Natal⁴.

Elas foram “comutadas”: dos megafones usados nas ruas para as manifestações dos anos 60 e 70, das televisões e rádios para os primeiros computadores a uma só cor e um só canal, das preocupações com os reactores nucleares para códigos de barras em Braille para invisuais, para projectores de vídeo, microondas, cartões inteligentes, telemóveis, CD's, webcams, Internet, iPod, e Second Life

Durante este processo continuaram a ler os jornais e revistas onde eram descritas como estando sempre um passo atrás: atrás de americanos e russos, atrás de americanas com as suas casas de alta tecnologia, atrás dos homens que usam a Internet 10 horas por dia, atrás de empresárias perdidas sem tecnologia até para marcar a “baby-sister” e a limpeza, a atrás dos experts de Silicon Valley e Bangalore.

Os inquiridos sempre confirmaram os estereótipos, enquanto as mulheres estavam demasiado ocupadas para perguntarem a si próprias se se

reconheciam nas descrições que era dadas pelas televisões, nos olhos das suas crianças e dos colegas e por vezes às dos namorados, dependentes da tecnologia.

Nós procurámos escolher uma abordagem diferente, explorando imagens, ideias e emoções das mulheres adultas.

Afinal a abordagem diferente que aplicámos pode ser resumida de uma forma simples como uma oportunidade para que as mulheres adultas se expressem tal como são, evitando os estereótipos.

Graças a esta abordagem podem criar uma relação concreta e positiva com as tecnologias, usando-a quando necessárias e sem depender delas. Uma abordagem baseada numa atitude descontraída, sem ansiedade e sem grandes habilidades para “show-off”, uma abordagem aberta a dúvidas e questões, ouvindo as necessidades dos outros e solicitando apoio quando é necessário mas também quando não estritamente necessário, tecnicamente falando, mas apenas pelo prazer de conviver e socializar o uso do computador.

É tempo das mulheres adultas se expressarem e exprimirem a percepção da tecnologia de uma maneira diferente, a maneira que elas são, em vez da maneira como elas pensam que se deveriam expressar e representar (para “cumprir” o estereótipo).

Os resultados do projecto Ciao Women podem dar a outras mulheres a “autorização”, que apenas pode ser dada por uma relação de pares, para rerever o seu passado e presente de uma maneira diferente, conferindo novos significados àquilo que fazem e ao que são, eventualmente, livres de estereótipos evitando ser vistas e julgadas sempre, sem interessar o que são e o que fazem:

Eu disse a mim própria: eu tenho coisas na minha cabeça que não são como alguém me ensinou – formas e ideias tão perto de mim – tão naturais da minha maneira de ser e de pensar que nunca me tinha ocorrido colocá-las em prática. Decidi então começar de novo e desligar-me do que me tinha sido ensinado. Georgia O’Keeffe

⁴ Cena do filme: *Desk Set* (1957).

5. COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da investigação conduzida usando as experiências de vida das pessoas e a análise comparativa daí resultante, acreditamos que as histórias e experiências contadas pelas mulheres adultas nos vários países participantes são complexas e diferentes uma das outras mas têm também traços comuns, constituindo um factor comum que é importante sublinhar, e que podemos cumulativamente sintetizar em oito componentes:

1. No que diz respeito ao uso do PC e da Internet do nosso grupo-alvo, este está ligado a uma necessidade efectiva, uma necessidade que é satisfeita através do uso destas tecnologias. Mesmo quando existem diversas razões para usar as TIC, todas relacionadas com aspectos pessoais, a principal razão para a primeira aproximação são as necessidades relacionadas com o trabalho; quase todas as mulheres entrevistadas começaram por usar o computador porque lhes facilitava o trabalho e tornou-se obrigatório saber usar determinado tipo de dispositivos ou programas ou porque acreditavam que era indispensável para poder retomar ao mercado do emprego.
2. O tipo de abordagem às TIC usada pelas mulheres adultas entrevistadas constitui um misto de teoria e prática indispensável; na verdade, se à primeira muitas das mulheres sentiram segurança durante a delicada fase de aprendizagem inicial quando frequentaram os cursos, um progresso significativo só foi possível quando havia possibilidade/necessidade de usar diariamente estes novos instrumentos e obter um maior conhecimento.
3. Aos olhos de muitas destas mulheres entrevistadas, as TIC parecem ser um meio eficiente para obter informação e fazer de maneira mais fácil e rápida, tais como marcar férias e espectáculos ou ainda operações bancárias a partir de casa ou mesmo pagar impostos. Para estas mulheres, as TIC fornecem uma notável poupança de tempo, que não foi gasto usando as TIC para interesses pessoais, mas dá a possibilidade de ter mais tempo livre para dedicar aos seus próprios interesses.
4. Muito frequentemente o acesso às TIC é encorajado pelos membros da família, em particular filhas, mas também por maridos, amigos e colegas

que facilitaram o processo de aprendizagem. Estas pessoas têm um papel importante quer como companheiros de estudo quer como tutores que estão sempre prontos para ajudar e dar as necessárias explicações. Adicionalmente quando as mulheres adultas vêm no PC e na Internet um meio de comunicação útil e podem manter contacto rápido e barato com entes queridos distantes, esta possibilidade também representa uma boa forma de as atrair ao mundo tecnológico.

5. Uma imagem negativa do mundo das tecnologias existe e persiste e durante as entrevistas constantemente notámos essa percepção do perigo para a saúde ou segurança ou uma espécie de resistência a instrumentos que são vistos como poderosos e dominadores; ou uma espécie de hostilidade que é causada pela não familiaridade com as tecnologias. No que diz respeito aos perigos com o uso do PC e da Internet muita importância é atribuída à possibilidade de se depararem com redes pedófilas, com receio das crianças e jovens, ou entrar em contacto com pessoas sem escrúpulos, bem como o risco de se perder no mundo virtual e perder contacto com a realidade. Adicionalmente aos PC's e à Internet são atribuídas “culpas” pela perda de muitos empregos.
6. Nas palavras das mulheres entrevistadas conseguimos detectar um sentido de “falta de habilidade”, particularmente durante a fase de aprendizagem. Este sentir de falta de habilidade vai progressivamente diminuindo à medida que as pessoas entrevistadas aprendem como usar estes dispositivos. Contudo, em alguns casos esta sensação mantém-se, apesar do uso diário do computador. É quase como que se algo estivesse invisível mas presente; em todo o caso continua a pesar na imagem negativa sobretudo dos que vêm as mulheres e as tecnologias como dois mundos incapazes de comunicar.
7. Para além de um grande sentido de falta de habilidade, durante as entrevistas também tivemos a oportunidade de ver uma espécie de resistência passiva, consciente ou não, que muitas mulheres parecem ter face aos computadores. Resistência a quê, exactamente? A um mundo no qual diversos aspectos do estilo de vida, tal como encontrar amigos ou ler um livro, não têm lugar nas suas vidas. É como se muitas mulheres tivessem medo de tomar parte deste mundo e do seu modo de vida, como se elas se rendessem sem fazer nada que elas não estejam dispostas a

abandonar. Ocasionalmente esta resistência era uma decisão consciente, uma espécie de protesto contra o mundo. Mais frequentemente era uma espécie de resistência passiva manifestada numa atitude pouco favorável face às possibilidades oferecidas pelos computadores e pela Internet.

8. Finalmente, e em particular as mulheres de mais idade, o problema de usar uma língua estrangeira na primeira geração de PC's com comandos em linha criou e continua a criar uma barreira adicional. É uma barreira com um forte impacto emotivo que continua a ser importante, ainda existe apesar das últimas gerações de computadores não usarem necessariamente a língua inglesa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON, R. (1998). *The Life Story Interview*. London: Sage.
- BENCIVENGA, Rita. (2007) *Donne, disabilità e lavoro: visioni differenti*. Bologna:Ed UILDM.
- HARDING, S. (1991). *Whose Science? Whose knowledge?*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- IMHOF, M., VOLLMEYER, R. & BEIERLEIN, C. (2007). Computer use and the gender gap: the issue of access, use, motivation and performance. *Computers in Human Behavior* 23, pp. 2823–2837.
- MARONE, F. (2003). *Narrare la differenza, Generi, saperi e processi formativi nel Novecento*.Ed. Unicopli.
- NORTH, A.S. & NOYES, J.M. (2002). Gender influences on children's computer attitudes and cognitions. *Computers in Human Behavior*. 18,pp.135–150.
- SANDERS, J. (2005). *Gender and Technology in Education: a research review*. Disponível em <http://www.josanders.com/pdf/gendertech0705.pdf>. Último acesso: 9 de Março de 2008.
- STANLEY, A. (1995). *Mothers and Daughters of Invention: Notes for a Revised History of Technology*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- TINTI, Alessandra (2007). A story to be rewritten. In *Education, theater and people with aphasia*. L.APH. Learning and Aphasia. Disponível em www.aphasiaforum.com/sitolaph/tools.htm
- TURKLE, S. (1995). *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. New York: Simon & Schuster.

Abstract: The Ciao!Women project originated from the interest in researching specific education needs of adult women in Information and Communication Technology (ICT). We are convinced that it is necessary to create innovative approaches capable of fulfilling the ever increasing need for adult women, who work or are out of the labour market (whether for personal choice or family reasons), to access educative processes that respond to their concrete needs by taking into account their specific desires and considering their availability and commitments.

The first phase of the research involved carrying out 50 interviews in each of the project's partner countries for a total of 253 interviews, with women aged between 35 and 55. The second phase of the project involved a second research phase during which each partner country examined a series of magazines, so as to investigate what representation and contents emerged from the articles and pieces on the relationship between women and ICT, and in particular on PCs and the Internet. The basic hypothesis that justified the choice of this research method was the idea that a dual levelled vision could be obtained from the mass media dimension: on one hand to study in detail the various representations of the relationship between women and ICT and on the other monitoring which initiatives involve women and their relationship with technology (reported in the magazines and therefore important). The qualitative approach of the research and the importance of using narrative interviews, even though sufficiently well known and common in European countries, required a relatively detailed profile of the researchers who were to carry out and work on the interviews.

Keywords: women, gender and technology, autobiographical interviews

Texto:

Submetido em Fevereiro de 2008

Aprovado em Março de 2008

Como citar este texto:

BENCIVENGA, R., RAMOS, J. L., MAIO, V. & FESTAS, M. (2008). "Ciao Women": Contributos para o estudo das necessidades de aprendizagem ao longo da vida específicas de mulheres adultas em relação às tecnologias de informação e comunicação. In *Educação, Formação & Tecnologias*; vol. 1(1), pp. 11-22. Disponível em <http://eft.educom.pt>